

I. INTRODUÇÃO

Exma Senhora Presidente da CM de Mirandela, Dra. Júlia Rodrigues
Exmo Senhor Presidente da Comissão de Agricultura e Mar da
Assembleia da República, Eng^o Joaquim Barreto

Exmo Senhor Secretário Geral da Confagri, Eng^o Francisco Silva

Minhas Senhoras e meus Senhores e, se me permitem especial
destaque, Caros Colegas Cooperativistas,

É uma honra estar hoje presente, em Mirandela, na Comemoração
do Dia Internacional das Cooperativas.

Uma celebração merecida, que efetuamos com satisfação e
otimismo, ancorados na convicção de que os valores e princípios
cooperativos nunca foram mais atuais, atendendo à forma como têm
contribuído para a dinamização e desenvolvimento da nossa
comunidade.

II. A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO COOPERATIVO

O mundo contemporâneo em que vivemos enfrenta, infelizmente,
fenómenos negativos como a desigualdade de rendimentos, o
subemprego, a desertificação ou a exclusão social. Em face destes
desafios, importa analisar soluções.

A promoção do ideário cooperativista é, de entre diversas soluções
possíveis, uma das mais importantes. Ao privilegiar processos
sustentáveis de desenvolvimento, a ação cooperativa é criadora de
valor em múltiplas vertentes.

Como membros do tecido económico, as cooperativas criam
emprego e, por conseguinte, meios de subsistência e geração de
rendimento.

Enquanto organizações cujo foco central são as pessoas, as cooperativas são orientadas por valores éticos e morais, contribuindo para a justiça e equidade social. Na senda da sua natureza iminentemente moral, as cooperativas são, em particular, veículos ideais para a promoção de melhores condições de vida e de trabalho para todos nós.

Enquanto organizações democráticas dirigidas pelos seus associados, as cooperativas contribuem para o envolvimento das comunidades na definição de estratégias locais de desenvolvimento. Em particular, o modelo organizacional cooperativista, caracterizado pela decisão democrática e descentralizada, promove a inclusão social. É muitas vezes por meio de ações e empreendimentos cooperativos que pessoas desempregadas, idosos e deficientes encontram possibilidades de progressão económica e participação social.

A solidariedade do movimento cooperativo tem sido particularmente eficaz na mobilização de grupos ou regiões não raras vezes desfavorecidas, permitindo-lhes ganhar a visibilidade necessária à defesa dos seus interesses económicos e sociais.

Em suma, poderá dizer-se que as cooperativas têm o potencial para ser, no contexto atual, pilares chave do crescimento económico, social e cultural do país e, em particular, da região de Trás-os-Montes e Alto Douro.

III. A BANCA COOPERATIVA

Esta conclusão pode retirar-se com particular acuidade na área financeira, sector onde se evidenciaram de forma concludente as virtudes do cooperativismo.

Contrariamente às restantes instituições financeiras, a Banca Cooperativa – em Portugal representada exclusivamente pelo Grupo Crédito Agrícola – não tem por missão a geração de lucro, mas sim a conciliação da sustentabilidade de negócio com fins sociais, assistenciais e solidários.

A Banca Cooperativa diferencia-se também da demais pela simplicidade do seu modelo de negócio, assente numa implantação geográfica marcadamente rural. As Instituições de Crédito Cooperativas estão assim fortemente ligadas às comunidades locais – praticam uma banca de relação, focada nas pessoas e nas suas necessidades.

Foi esta ligação relacional com as comunidades que permitiu à Banca Cooperativa apresentar uma superior resiliência à crise financeira que eclodiu em Portugal no ano de 2009. A robustez do Banca Cooperativa não pode por isso desligar-se do seu modo de atuação, permanentemente orientado por valores de responsabilidade social, ética e solidariedade.

Isto mesmo reconheceu o Papa Bento XVI, que referiu:

“Reta intenção, transparência e busca de bons resultados são compatíveis entre si e não devem jamais ser separados. Se o amor é inteligente, sabe encontrar também os modos para agir segundo uma providente e justa conveniência, como significativamente indicam muitas experiências no campo do crédito cooperativo”.

IV. GRUPO CRÉDITO AGRÍCOLA

Enquanto único Banco Cooperativo a operar em Portugal, o Crédito Agrícola manteve ao longo da sua existência um modelo de atuação que nunca esqueceu o fundamento ético da sua atividade.

Em particular, a matriz cooperativa do Crédito Agrícola, alicerçada em valores de solidez e solidariedade, confere-lhe uma natureza ímpar no sistema bancário. Mais do que qualquer outra, esta matriz permite ao Grupo potenciar o desenvolvimento da economia e bem-estar social das regiões onde atua.

O contributo do Grupo para a sustentabilidade regional encontra-se bem patente no facto das Caixas Agrícolas reinvestirem a vasta maioria dos recursos captados e dos excedentes gerados na própria região onde se inserem.

A estrutura descentralizada de decisão do Grupo Crédito Agrícola permite-lhe alocar a maioria dos seus meios ao apoio de projetos regionais com impacto económico e social. Estes projetos abarcam diversos domínios, estendendo-se desde o empreendedorismo de base local ao apoio a agricultores, industriais e comerciantes.

Para concretizar o que acima se disse quanto ao foco do Crédito Agrícola na sustentabilidade económica, gostaria de apenas realçar que:

- O Grupo Crédito Agrícola tem sabido manter e reforçar a confiança dos clientes, servindo atualmente mais de 400 mil associados e 1.1 milhões de clientes;
- Como reflexo da sua política de proximidade às comunidades, o Crédito Agrícola dispõe hoje de uma rede de 669 agências, quase metade das quais em localidades onde nenhuma outra instituição bancária tem presença;
- 62.5% da aquisição de serviços pelas entidades do Crédito Agrícola foi feita localmente (isto é, no mesmo concelho da entidade adquirente);

- O Grupo Crédito Agrícola investiu 2.3 milhões de euros em iniciativas de responsabilidade social na comunidade, tendo apoiado um total de 2 883 instituições.

V. A CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DO ALTO DOURO

O ideário cooperativo que venho descrevendo encontra particular adesão na cooperativa a que, por vontade dos associados, presido.

Com efeito, o modelo de proximidade à comunidade é uma característica distintiva da Caixa Agrícola do Alto Douro, tornando-a mais sensível à problemática social e mais solidária na partilha dos meios de que dispõe.

Por imperativo orgânico, a sua ação perante todas as partes interessadas – Entidades Públicas, Associados, Clientes, Colaboradores e Comunidade Regional – rege-se por valores cooperativistas e encontra-se em linha com as melhores práticas de Responsabilidade Social.

Este conceito – que entendemos como a necessidade de integrar voluntariamente preocupações económicas, sociais, culturais e ambientais na interação com *stakeholders* – é um dos pilares fundamentais da estratégia da Caixa Agrícola.

No relacionamento com os seus 34 mil Clientes e 13 mil Associados, a Caixa distingue-se por prestar serviços de qualidade, implementando uma filosofia de Melhoria Contínua assente no respeito pelas boas práticas bancárias. Tal é corroborado pelos elevados níveis de satisfação dos nossos clientes. Em 2017, o Crédito Agrícola foi premiado pelo quarto ano consecutivo com o título de “Melhor Banco no Serviço de Atendimento ao Cliente”,

encontrando-se, igualmente, referenciado no relatório de supervisão comportamental do Banco de Portugal de Junho de 2017 como uma das instituições com menor número de reclamações registadas.

A abrangência geográfica de atuação da instituição, que inclui 8 localidades onde apenas o Crédito Agrícola presta serviços de banca e seguros (Parada, Izeda, Chacim, Rebordelo, Favaio, Vilarandelo, Torre Dona Chama e Pinhão), corrobora o posicionamento da Caixa Agrícola enquanto parceiro próximo da comunidade e parte interessada na promoção do desenvolvimento regional.

Deste desiderato é também prova a elevada quota de mercado da Caixa no crédito a clientes, que se cifrava, de acordo com os dados mais recentes, próxima dos 30%. Num cenário em que as restantes instituições bancárias reduzem a elevado ritmo a sua presença na região, a Caixa Agrícola demonstra uma vez mais a sua inabalável confiança no potencial regional, mostrando disponibilidade para apoiar financeiramente os agentes económicos transmontanos na concretização dos seus projetos. Em 2017, a Instituição concretizou as ambições de investimento de múltiplas empresas e particulares, disponibilizando um total de 69.5 milhões de euros em novos financiamentos.

A Caixa Agrícola mantém também uma forte presença na fileira da Agricultura. Ao longo dos últimos 5 anos, a instituição foi responsável pela elaboração de mais de 3 mil e 500 candidaturas a subsídios agrícolas. Adicionalmente, verifica-se que foi preferencialmente através da Caixa Agrícola que inúmeros clientes receberam os seus subsídios, tendo estes ascendido, no período em análise e de forma agregada, a um valor superior a 176 milhões de euros.

A esta atividade de dinamização económica junta-se, na Caixa Agrícola do Alto Douro, uma forte componente de ação social. Prova disso foi a constituição, em 2014, da Fundação Caixa CA, que tem por missão contribuir para o desenvolvimento da comunidade em que se insere.

Através da celebração de protocolos com diversas entidades regionais, a Fundação procura criar sinergias que potenciem a valorização económica dos recursos da região.

Do largo espectro de iniciativas levadas a efeito pela Fundação em domínios tão diversos como a solidariedade social, a educação, a investigação e o desporto, destaca-se em particular o Programa de Incentivos do Crédito Agrícola.

Promovido em parceria com a Caixa Agrícola, este programa apoia projetos submetidos pelas IPSS dos concelhos de Alijó, Bragança, Macedo de Cavaleiros, Mirandela, Murça, Sabrosa, Valpaços e Vinhais. Tem por missão garantir que as IPSS dispõem dos meios de que necessitam para suprimir as inúmeras necessidades básicas das populações locais, promovendo simultaneamente a empregabilidade e a fixação na região de um número apreciável de pessoas.

Criado pela Caixa em 2002, o programa de Incentivos do Crédito Agrícola apoiou, nas suas 13 edições, 177 projetos e 67 IPSS, num investimento global de sensivelmente 355 mil euros.

Estes dados corroboram uma ideia fundamental: à semelhança das restantes cooperativas, também a Caixa Agrícola do Alto Douro tem perseguido, com assinalável sucesso, o desígnio cooperativo de promover a sustentabilidade e o desenvolvimento regional.

VI. CONCLUSÃO

Sem prejuízo das suas inúmeras virtudes, acredito, contudo, que o sector cooperativo não é ainda perfeitamente compreendido por legisladores, reguladores e público em geral.

Atendendo à sua evidente bondade, é urgente tomar medidas que promovam e fortaleçam o ideário cooperativista. Cabe a todos nós envidar esforços no sentido de assegurar um quadro de apoio que permita ao sector cooperativo desempenhar o seu papel de forma autónoma e eficaz, particularmente em áreas desfavorecidas onde, por natureza e desígnio orgânico, as cooperativas têm um papel importante a desempenhar. É cada vez mais esse o caso das zonas despovoadas do interior Português, onde infelizmente se inclui a região de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Por esta razão se revestem de elevada importância eventos como a conferência de hoje. Numa época em que cada vez mais as cooperativas se assumem como um modelo de desenvolvimento sustentável, é nosso dever desenvolver a massa crítica necessária ao fortalecimento do cooperativismo.

Enquanto celebramos este dia, a Caixa de Crédito Agrícola do Alto Douro reafirma o seu firme compromisso com o movimento cooperativo e, por inerência, com o desenvolvimento sustentável da região onde atua.

Muito obrigado a todos.

Adriano Diegues

*Discurso na sessão comemorativa do dia internacional das Cooperativas, organizado pela
CONFAGRI*

Mirandela, 7 de julho de 2017